

O PROBLEMA DA DESNATURAÇÃO NA BOTÂNICA DE ROUSSEAU

THE PROBLEM OF DENATURATION IN ROUSSEAU'S BOTANY

Victor Alexandre Garcia¹

RESUMO

É bastante conhecida a paixão de Jean-Jacques Rousseau pela natureza. Menos conhecido, sem dúvida, é o fato de Rousseau ter se dedicado ao estudo da botânica nos últimos anos de sua vida. O presente artigo investiga o modo como os temas da desnaturação e da monstruosidade - temas clássicos do pensamento rousseauiano - aparecem em sua reflexão sobre as plantas e o reino vegetal. Após uma breve incursão pelo segundo Discurso e pelo Emílio, nos deteremos na análise das chamadas Cartas Elementares sobre Botânica, enviadas a Madeleine-Catherine Delessert, e nas cartas enviadas a Duquesa de Portland. No primeiro conjunto de cartas encontramos a visão de Rousseau sobre as flores dobradas e a enxertia. No segundo conjunto de cartas, por sua vez, encontramos a visão de Rousseau sobre os jardins e o cultivo de plantas exóticas. Como a reflexão de Rousseau sobre a desnaturação é inteiramente debitária da leitura de Buffon, o artigo aborda também as contribuições desse autor. Concluimos com algumas reflexões sobre o estado atual de nossa tendência teratológica, bem identificada pelos autores tratados por nós ao longo do texto.

Palavras-chave: Rousseau; Botânica; História Natural; Desnaturação.

ABSTRACT

Jean-Jacques Rousseau's passion for nature is well known. Less known is the fact that Rousseau devoted himself to the study of botany in the last years of his life. This article investigates how the themes of denaturation and monstrosity - classical themes of Rousseau's thought - appear in his reflections on plants and the vegetal kingdom. After a brief incursion into the second Discourse and Émile, we will focus on the analysis of the so-called Elementary Letters on Botany, sent to Madeleine-Catherine Delessert, and the letters sent to the Duchess of Portland. In the first set of letters we find Rousseau's views on double flowers and grafting. In the second set of letters, in turn, we find Rousseau's views on gardens and the cultivation of exotic plants. Since Rousseau's reflections on denaturation are entirely due to his reading of Buffon, the article also addresses the contributions of this author. We conclude with some reflections on the current state of our teratological tendency, well identified by the authors we discussed throughout the text.

Keywords: Rousseau; Botany; Natural History; Denaturation.

¹ Bacharel em Psicologia pela UERJ. Mestre em Psicanálise e Saúde Mental pela UERJ. Mestre em Filosofia pela PUC-Rio. Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Afiliação institucional: Fundação CECIERJ. Email: victorgarciapsi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5752-9801>

INTRODUÇÃO

É bastante conhecida a paixão de Jean-Jacques Rousseau pela natureza, ainda que seja difícil - talvez até mesmo impossível - determinar o conteúdo desse conceito em sua obra². Menos conhecido, sem dúvida, é o fato de Rousseau ter se dedicado ao estudo da botânica nos quinze últimos anos de sua vida. Desse estudo não resultou nenhum grande tratado ou descoberta que pudesse aumentar o conhecimento em História Natural. Não obstante, a botânica serviu a Rousseau como forma renovada de abordar problemas filosóficos que já eram centrais em sua obra: o problema da relação entre ciência e moral, o problema da desigualdade, o problema do amor-próprio, o problema da teleologia e, por fim, o problema da antropologia, traduzido em uma reflexão sobre a possibilidade humana de desnaturar a natureza.

Em nosso artigo, nos deteremos mais especificamente neste último ponto. Primeiramente, veremos de forma sinóptica como a reflexão sobre a desnaturação e a monstruosidade aparece em alguns dos principais textos de Rousseau (o segundo *Discurso* e o *Emílio*). Depois, abordaremos o reaparecimento dessa temática nos escritos sobre botânica. Como a reflexão de Rousseau sobre a desnaturação é inteiramente debitária de sua leitura de Buffon, abordaremos também as contribuições desse autor. Em nossas considerações finais, nos voltaremos aos problemas ambientais contemporâneos através do livro de Elizabeth Kolbert, intitulado *A sexta extinção: uma história não natural*. Chamou nossa atenção o subtítulo, onde encontramos a referência ao *unnatural*, que parece remeter ao mesmo grupo de fenômenos que abrange a categoria rousseauniana do *desnatural*, a saber, o das modificações da natureza pela ação humana. Nosso objetivo geral com este trabalho é o de refletir sobre a pertinência do pensamento rousseauniano para a compreensão do homem e do nosso tempo.

Antes de passarmos ao corpo do texto, faz-se necessário esclarecer que os escritos em que Rousseau reflete sobre as plantas são, em sua maioria, cartas. Oito cartas enviadas a Madeleine-Catherine Delessert, escritas entre agosto de 1771 e abril de 1774, são usualmente consideradas seu material mais importante. Elas foram agrupadas pela primeira vez sob o nome de *Cartas elementares sobre botânica - Lettres élémentaires sur la botanique*, em francês -, na primeira edição das obras completas de Rousseau, realizada por Du Peyrou e Moulto, em 1782. Essas cartas são atravessadas pelo problema da desnaturação e por isso nos deteremos principalmente em sua leitura. Para os nossos propósitos, a correspondência com Margaret Cavendish Bentinck, a Duquesa de Portland, é igualmente importante. Nela encontramos a crítica ao caráter deformador dos jardins e ao cultivo de plantas exóticas.

As referências à obra de Rousseau remetem à edição das *Œuvres Complètes de Jean-Jacques Rousseau*, da Bibliothèque de la Pléiade, publicada em cinco tomos sob direção de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond. Utilizo, para ela, a abreviatura "OC", seguido do número do tomo, do título do texto e da página onde se encontra a citação. Indico também a página da tradução brasileira. As edições utilizadas podem ser encontradas ao final, nas referências. As referências à correspondência de Rousseau remetem à edição da *Correspondance Générale de J.-J. Rousseau*, publicada em vinte

2 Para alguns intérpretes, a noção de Natureza, em Rousseau, não possui conteúdo efetivo: "Salinas [Fortes] insiste que a ideia de Natureza, para Rousseau, como a de Deus para Kant, é sobretudo uma ideia reguladora, que orienta nossas observações, e à qual nossa finitude nunca poderá dar um conteúdo efetivo" (MATOS, L., *Uma arte da medida*, p. 11).

volumes por Théophile Dufour e Pierre-Paul Plan. Utilizo, para ela, a abreviatura “CG”, seguido do volume e da página.

MONSTRUOSIDADE E DESNATURAÇÃO EM ROUSSEAU E BUFFON

Do Renascimento até o século XVIII, o monstruoso funcionou como signo de uma exceção ao ordenamento do mundo, capaz de confirmar a regra do propósito divino e atestar a potência de Deus³. Esse caráter teológico vai sendo aos poucos abandonado. No século XVIII⁴, o monstro passa “a ser considerado parte do mundo natural”⁵, e daí em diante assistimos a uma progressiva laicização da teratologia. Rousseau foi sem dúvida um momento importante dessa dessacralização da cultura. Segundo Roberto Romano:

Tanto a geração da monstruosa sociedade moderna quanto a sua crítica por Rousseau são alheias aos valores cristãos e a uma teleologia que os acompanha. A teratologia mostra-se como experiência histórica, da qual as tentativas do educador, ou do legislador, são um antídoto.⁶

Sabemos que Rousseau rejeitava a hipótese do pecado original. A seus olhos, o desenrolar da história humana, com seus funestos acasos, é o único responsável pelas monstruosidades nela presentes. A contrapartida dessa abordagem é que também passa a ser de inteira responsabilidade do homem melhorar a sociedade em que vive⁷. E, de fato, não encontraremos em sua obra qualquer impedimento sobrenatural, qualquer barreira ontologicamente intransponível no que se refere à possibilidade da regeneração social. Starobinski chega a afirmar que não há na filosofia rousseuniana qualquer “espada flamejante que nos impeça o acesso do paraíso perdido”⁸.

3 Sigo aqui o resumo feito por Roberto Romano a partir do livro *Diderot et l’imagination*, de Robert Morin: “(...) até aquele tempo, a monstruosidade humana era figurada como aberração diante do ordenamento do mundo, cujas leis matemáticas refletiam a perfeição divina e seu caráter absoluto. Ela era um capricho da natureza, um milagre ou maldição, talvez um fenômeno diabólico; em todo caso, uma exceção que confirmava a regra, uma aberração que punha em relevo a integridade absoluta da lei natural. Ela se relaciona sobretudo com o fantástico, isto é, com um inquietante comportamento extranatural, uma falha no universo, que tinha servido à Idade Média e nas representações de um Bosch ou de um Brueghel para simbolizar o pecado e a presença satânica. O diabo, o transgressor da lei, apresenta-se por detrás da monstruosidade, e desafia a perfeição divina da estrutura do mundo” (MORIN, R. apud ROMANO, R., *Moral e ciência: a monstruosidade no século XVIII*, p. 38).

4 O tema da monstruosidade é importantíssimo no século XVIII. Dou aqui algumas indicações de leitura. Sobre o tema da monstruosidade no século XVIII, cf. TORT, P. *L’ordre et les monstres*; cf. também FOUCAULT, M., *Os anormais*. Sobre o tema da monstruosidade na *Enciclopédia*, cf. BARTHES, R. *As pranchas da Enciclopédia*; cf. também FISCHER, J.-L., *L’Encyclopédie présente-t-elle une pré-science des monstres?* Sobre o tema da monstruosidade em Diderot, cf. LAIDLAW, G., *Diderot’s Teratology*. Sobre o tema da monstruosidade em Rousseau, Cf. REIS, C., *Rousseau entre monstros e quimeras*. Sobre o tema da monstruosidade no *Emílio*, cf. MALL, L., *Des monstres et d’un prodige: les commencements de l’Émile*.

5 COOK, A. *Jean-Jacques Rousseau, “Terminator” and Telos in Nature*, p. 310.

6 ROMANO, R., *Moral e ciência: a monstruosidade no século XVIII*, p. 47.

7 “Os limites do possível nas coisas morais são menos estreitos do que pensamos; são nossas fraquezas, nossos vícios, nossos preconceitos que os estreitam” (OC III, *Du contract social*, p. 425; trad. bras., p. 597)

8 STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 24.

Contudo, para Rousseau, a mesma abertura que confere ao homem seu caráter bastante indeterminado foi também o que possibilitou o aparecimento da propriedade privada e da desigualdade. O desenrolar histórico paulatinamente corrompeu os costumes e os gostos mais simples do homem, trouxe necessidades antes desconhecidas - e que doravante ele não saberá mais viver sem atender -, produziu uma série de paixões fictícias, nefastas e indomáveis. Em suma, o desnaturou.

O que é tal como a natureza o fez é oferecido por ela, ao homem que ela formou, como o que mais lhe convém. Mas, à medida que o homem se afasta de seu estado natural suas necessidades multiplicam-se, seus gostos mudam, o império da opinião perturba toda a ordem do mundo, nada mais é bom para nós tal como é, é preciso que tudo tome novas formas para se curvar aos nossos caprichos e as nossas novas necessidades.⁹

O tema da desnaturação já aparece no segundo *Discurso*, quando Rousseau afirma que a atividade reflexiva¹⁰ faz do homem o animal depravado por excelência¹¹. Segundo Roberto Romano, “um aspecto visível da teratologia no século XVIII é a passagem do homem ao animal”¹². Ora, Rousseau acreditava que o homem tende a pensar mais do que é necessário¹³, sendo o único animal capaz de cair abaixo da animalidade, o único “sujeito a tornar-se imbecil”¹⁴.

9 OC IV, *Manuscrit Favre*, p. 55.

10 “Para Rousseau, aliás, a vida afetiva e a vida intelectual se opõem da mesma maneira que a natureza e a cultura: estas se distanciam inteiramente ‘desde as puras sensações aos mais simples conhecimentos’. Isto é tão verdadeiro que encontramos às vezes o estado de natureza em oposição ao ‘estado de raciocínio’ e não ao estado de sociedade” (LÉVI-STRAUSS, C., *Totemismo hoje*, p. 104).

11 Temos aqui um candidato interessante para representar a tal “excepcionalidade” humana com relação ao mundo animal que tanto se busca. Seja o que for que a defina melhor, deve ser inseparável de uma certa dose de loucura e de deselegância metafísica. O livro *A sexta extinção*, de Elizabeth Kolbert, traz um capítulo chamado “o gene da loucura”. Svante Pääbo, biólogo sueco especializado em paleogenética, em conversa com a autora, diz ser difícil diferenciar os *Homo sapiens* dos Neandertais, mas sugere, ainda assim, um inquietante critério: esses últimos pararam de avançar assim que encontraram um obstáculo geológico significativo, ao passo que os primeiros, não. O que levou os *Homo sapiens* a se atirarem nos oceanos, durante vários anos, sem qualquer certeza de encontrar um novo pedaço de terra? “A partir de registros arqueológicos, pode-se inferir que os homens de Neandertal evoluíram na Europa ou no oeste asiático e de lá se dispersaram, parando onde encontravam água ou algum obstáculo significativo (...). Os seres humanos arcaicos, como o *Homo erectus*, ‘espalharam-se como muitos mamíferos no Velho Mundo’, disse Pääbo. ‘Eles nunca foram para Madagascar, nunca foram para a Austrália. Tampouco os homens de Neandertal. Foram os homens totalmente modernos que deram início a essas aventuras oceânicas, sem terras à vista. Em parte, isso se deve à tecnologia, é claro: é preciso ter embarcações para realizar essas viagens. Mas gosto de pensar que também há uma certa loucura envolvida. Entende? Quantas pessoas devem ter navegado e desaparecido no Pacífico antes de alguém encontrar a ilha de Páscoa? Quer dizer, é ridículo. E para quê? Pela glória? Imortalidade? Curiosidade? E agora vamos para Marte. Nós nunca paramos” (KOLBERT, E., *A sexta extinção*, p. 261).

12 ROMANO, R., *Moral e ciência: a monstrosidade no século XVIII*, p. 39.

13 “(...) nos escritos de Rousseau pode-se ter o vislumbre de formas distintas de teratologia. A primeira segue a desnaturação do animal humano que se deprava na exata medida em que pensa” (ROMANO, R., *Moral e ciência: a monstrosidade no século XVIII*, p. 40).

14 OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 142; trad. bras., p. 183.

No entanto, é no *Emílio* que esse autor se dedica a pensar a desnaturação de forma mais detida. O livro se inicia justamente com um parágrafo pessimista sobre a desnaturação, em que Rousseau deixa claro que a arte humana caminha lado a lado com a produção monstruosa:

Tudo está bem ao sair das mãos do autor das coisas, tudo degenera nas mãos dos homens. Ele força uma terra a sustentar as produções de outra, uma árvore a carregar os frutos de outra. Mistura e confunde os climas, os elementos, as estações. Mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo. Bagunça tudo, desfigura tudo, ama a deformidade, os monstros.¹⁵

Aliás, é provável que o começo de *Emílio* seja a resposta de Rousseau à *Nova Atlântida*, de Francis Bacon, em que a potencialidade técnica própria ao homem é descrita nos termos sempre positivos da promessa:

Nesses mesmos jardins e pomares fazemos artificialmente plantas e flores antes ou depois da estação própria, bem como fazemos crescer mais rapidamente que no curso normal. Ainda por meios artificiais, tornamo-las maiores que o normal e tornamos os frutos maiores e mais doces e diferentes, no gosto, no aroma, na cor e forma do produto natural. Também temos meios de fazer nascer diversas plantas sem sementes, tão somente pela mistura de terras e, igualmente, de criar diversas plantas novas, diferentes das comuns, e, ainda, de transformar árvores e plantas em uma espécie diferente.¹⁶

No primeiro *Discurso*, Rousseau dizia ser “impossível refletir sobre os costumes sem deleitar-se com a lembrança da imagem de simplicidade dos primeiros tempos”, evocado pela cena da “bela orla, adornada pelas mãos da natureza”, onde os homens, virtuosos e inocentes, “moravam juntos sob as mesmas cabanas”¹⁷. Isso não passa, porém, de uma mera lembrança saudosa: a história não anda para trás e não seria possível retornar à ordem da natureza. Sendo impossível voltar, só nos restaria conduzir o processo de desnaturação da melhor forma possível através de boas instituições: “as boas instituições são as que melhor sabem desnaturar o homem”¹⁸. Em suma, sob a orientação do preceptor, Emílio terá necessariamente de se tornar o monstro do monstro¹⁹.

Passemos para os textos de botânica. Nas *Cartas elementares sobre botânica*, o tema da desnaturação reaparece através da crítica de Rousseau à enxertia nos vegetais e à produção de flores dobradas²⁰. Nessas últimas, as flores apresentam um número de pétalas muito superior ao comum da espécie.

15 OC IV, *Émile*, p. 245; trad. bras., p. 7.

16 BACON, F., *Nova Atlântida*, p. 264.

17 OC III, *Discours sur les sciences et les arts*, p. 22; trad. bras., p. 56.

18 OC IV, *Émile*, p. 249; trad. bras., p. 11.

19 Cf. MALL, L., *Des monstres et d'un prodige: les commencements de l'Émile*.

20 “Rousseau insistiu que os monstros vegetais não são de origem natural nem mesmo sobrenatural; antes, os monstros são totalmente antinaturais, produtos de uma vã violação humana do telos natural do organismo; os cultivadores de plantas vistosas desejavam ser conhecidos, elogiados e admirados pelos seus jardins. A crítica de Rousseau à flor estéril deriva da sua visão de que a criatividade humana surge da vaidade: a monstruosidade hortícola agrada aos olhos, mas não pode reproduzir a vida” (COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau, “Terminator” and Telos in Nature*, p. 310).

Ficam mais belas, passando a ter uso na ornamentação, porém perdem os estames e frequentemente tornam-se estéreis. Na segunda carta, das oito que compõem o texto, Rousseau recomenda que a Sra. Delessert não perca tempo com seu estudo:

Quando as encontrardes dobradas [os goivos e as julianas], não vos prendais em seu exame; elas estarão desfiguradas, ou, se preferis, adornadas à nossa moda, a natureza nelas não se encontrará mais: ela se recusa a se reproduzir através de monstros assim mutilados; pois, se a parte mais brilhante, a saber, a corola, ali se multiplica, é às custas de partes mais essenciais, que desaparecem sob esse brilho.²¹

A enxertia, por sua vez, diz respeito à técnica humana milenar de unir duas plantas de espécies diferentes. A planta enxertada produzirá os frutos enquanto se beneficiará da maior adaptação ao solo, ao clima, às doenças e às pragas provindas da outra. Na sétima carta enviada à Sra. Delessert, ao comentar sobre os enxertos, Rousseau condensa os principais aspectos de sua reflexão sobre os modos de intervenção do homem na natureza:

O homem desnaturou muitas coisas para melhor convertê-las a seu uso, nisso ele não tem qualquer culpa; mas não é menos verdadeiro que frequentemente ele as desfigurou, e que, quando nas obras de suas mãos ele acredita estudar realmente a natureza, ele se engana. Esse erro ocorre sobretudo na sociedade civil, ele ocorre mesmo nos jardins.²²

Rousseau foi um grande leitor de Buffon, que tornara-se referência incontornável em seu tempo pelos vários volumes de sua *História Natural*. Uma das lições mais importantes que ele absorveu dessa leitura é a de que o homem não tem culpa em desnaturar a natureza, pois a perfectibilidade e a liberdade lhe são naturais. Em suma, é natural ao homem desnaturar: é a própria natureza que “não se contenta em torná-los [plantas e animais] úteis para nós de acordo com os seus pontos de vista, coloca-nos em condições de aumentar essa utilidade de acordo com os nossos”²³.

Buffon não fala em perfectibilidade, mas, para ele, o homem é por excelência um animal da técnica²⁴. O texto *Das épocas da Natureza*, que classifica seu próprio tempo como a sétima e última das épocas, não esconde que o grande naturalista do Setecentos vê no aparecimento do homem um fato decisivo. Já em seu título, lemos: “Sétima época: quando a potência do homem vem acrescentar-se à da Natureza”²⁵. Ao percorrermos essa história conjectural, aprendemos que desde os primeiros momentos de seu surgimento o homem produz ferramentas que transformam a face da terra a seu favor,

21 OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1156.

22 OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1188.

23 OC IV, *Manuscrit Favre*, p. 56.

24 “para Buffon, a espiritualidade do homem reside em seu entendimento; para Rousseau, consiste essencialmente na liberdade. Como quer que seja, quando Rousseau afirma que a ‘perfectibilidade’ é o apanágio do homem, encontra leitores que a leitura de Buffon advertiu suficientemente para que esse neologismo não os surpreenda” (STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 440).

25 BUFFON, *Das épocas da natureza*, p. 122.

e que, passado algum tempo, ele se tornará uma verdadeira potência, capaz de somar-se à potência da própria natureza²⁶.

A questão, tanto para Rousseau quanto para Buffon, é que nada garante que essa desnaturação técnica da natureza, possibilitada pelo entendimento²⁷, não produza deformações. Uma segunda lição buffoniana diz respeito à degeneração. Para ambos os autores a natureza é fixa, havendo apenas a possibilidade dos seres degenerarem pela diferença entre os climas e, sobretudo, por consequência da arte humana. Assim, Rousseau aprendeu, lendo os verbetes da *História Natural*, que a domesticação dos animais pelo homem equivale a um processo político de escravização²⁸. Para Buffon, o cavalo doméstico é apenas uma sombra pálida do cavalo selvagem. Ao serem domesticados, os animais perdem suas características mais nobres e mais distintas. Perdem até mesmo o amor pela liberdade. O que antes era um ser livre e altivo dá lugar a um ser dócil e servil, capaz de trabalhar para o homem mesmo constantemente humilhado e maltratado.²⁹

Ora, encontramos na sétima carta à Sra. Delessert esse mesmo raciocínio, mas aplicado às plantas - mais especificamente às árvores frutíferas -, que seriam “infinitamente maiores e mais vigorosas” na natureza se comparadas às que crescem em pomares:

Assim, para conhecer a pêra e a maçã da natureza, é preciso procurá-las não nos pomares, mas nas florestas. A polpa não é tão grande e nem tão suculenta nelas, mas as sementes amadurecem melhor, se multiplicam mais, e as árvores são infinitamente maiores e mais vigorosas.³⁰

Segundo Starobinski, Rousseau coloca em um mesmo plano a domesticação do homem pelo homem e a transformação a que o homem submete plantas e animais³¹. De fato, o segundo *Discurso* não hesita em comparar a situação do cavalo doméstico com a situação histórica do homem: ambos se acostumaram com seus grilhões e com as esporas de seus senhores e já não conseguem mais

26 “Com sua inteligência, subjuguou, domou e reduziu os animais à obediência; com seus trabalhos, drenou pântanos, canalizou rios, suprimiu quedas d’água, derrubou florestas, arou o solo; com sua reflexão, contou o tempo, mediu o espaço, identificou, combinou e representou os movimentos celestes, comparou o Céu e a Terra, expandiu o Universo, adorou o Criador, como convém; munido de uma arte oriunda da ciência, atravessou os mares, cruzou montanhas, aproximou os povos, descobriu um novo mundo, apoderou-se de mil outras terras distantes e isoladas. Em suma, a face inteira da Terra traz hoje a marca da potência humana, que, embora subordinada à da Natureza, não raro faz mais do que ela, ou ao menos a auxilia de maneira tão maravilhosa que, graças às nossas mãos, ela veio a se desenvolver em toda a sua plenitude, atingindo gradualmente o ponto de perfeição e magnificência em que hoje a encontramos” (BUFFON, *Das épocas da natureza*, p. 129).

27 “Deus, única fonte de toda luz e inteligência, rege o Universo e as espécies inteiras com uma potência infinita. O homem, que não tem mais do que um raio dessa inteligência, tem apenas uma potência limitada a pequenas porções da matéria, e não é mestre senão dos indivíduos. Portanto, é pelos talentos do espírito, e não pela força e por outras qualidades da matéria, que o homem soube subjugar os animais” (BUFFON, *História Natural*, p. 517).

28 “O homem modifica o estado natural dos animais, forçando-os a lhe obedecer e fazendo que sirvam ao seu uso. Um animal doméstico é um escravo, com o qual o homem se diverte, do qual ele usa e abusa, que ele adultera, expatria e desnatura, ao passo que o animal selvagem, obediente apenas à Natureza, não conhece outras leis além daquelas da necessidade e da liberdade” (BUFFON, *História Natural*, p. 515).

29 Esse é o caso, por exemplo, do cavalo e do asno. Cf. BUFFON, *História Natural*, p. 518-591.

30 OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1188.

31 STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 441.

reencontrar o gosto pela liberdade³². Tal como no cavalo doméstico de Buffon, tratar-se-ia também para o homem de um caminho sem volta³³.

Ora, o que não encontraremos quase nunca em Buffon é o pessimismo histórico de Rousseau³⁴. Para esse último, “a reflexão é um poder ambíguo que aperfeiçoa o homem alienando-o”³⁵, ao passo que, para o primeiro, “o conhecimento racional, as técnicas que dele decorrem, educam e corrigem a natureza para o bem da humanidade, permitindo assim ao homem aperfeiçoar-se”³⁶. Esse tom empolgado transparece em diversos momentos dos textos de Buffon. Podemos sentir a diferença com relação ao tom de Rousseau ao lermos a reflexão buffoniana sobre o enxerto nos vegetais:

É verdade, muitas dessas belas novas espécies são oriundas de primitivas; mas quantas vezes o homem não teve de testar a Natureza, para obter espécies excelentes? Quantos milhares de germes não teve de confiar à Terra, para que enfim brotassem? Semeando, crescendo, cultivando e colhendo um número quase infinito de vegetais da mesma espécie pôde-se enfim identificar alguns indivíduos, portadores de frutos superiores e mais doces. Mas essa descoberta inicial, que pressupõe já tantos cuidados, teria permanecido estéril, não fosse por uma ulterior, que pressupõe tanto gênio quanto a outra exigia paciência: o meio de multiplicar, pelo enxerto, os indivíduos seletos, que infelizmente são incapazes de fundar por si mesmos uma linhagem à sua altura e propagar as excelentes qualidades de que são dotados.³⁷

No fim, Buffon não pode senão conceber a domesticação - e a conseqüente degeneração dos animais e plantas - como sendo um processo legítimo, ao mesmo tempo sinal da inteligência divina em nós e conseqüência natural da superioridade do espírito sobre a matéria. Em Rousseau, a concepção de uma arte que produz monstruosidades vem alinhar-se perfeitamente bem com a visão de que o homem “escraviza tanto os homens quanto a natureza por motivos de ganância e vaidade”³⁸.

32 “O cavalo, o gato, o touro, o próprio asno têm, em sua maioria, uma estatura maior, uma constituição mais robusta, mais vigor, força e coragem nas florestas do que em nossas casas. Perdem a metade dessas vantagens tornando-se domésticos, e poder-se-ia dizer que todos os nossos cuidados em tratar bem e alimentar esses animais resultam na degeneração deles. O mesmo vale para o próprio homem: fazendo-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso, servil, e seu modo de vida, frouxo e efeminado, termina por minar a um só tempo sua força e sua coragem” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 139; trad. bras., p. 179). Ou ainda: “Como um corcel indômito que eriça a crina, escarva o chão e se debate impetuosamente à simples aproximação do freio, enquanto um cavalo domado suporta pacientemente o chicote e a espora, o homem bárbaro não abaixa a cabeça ao jugo que o homem civilizado carrega sem se lamentar, e à sujeição tranquila prefere a mais tempestuosa liberdade” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 181; trad. bras., p. 228).

33 “Uma vez acostumados a ter senhores, os povos não conseguem mais viver sem eles” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 113; trad. bras., p. 150).

34 “O quadro da infelicidade do homem civilizado que encontramos no *Discurso sobre a natureza dos animais* está pouco de acordo com a alegre satisfação que Buffon, no resto de sua obra, manifesta todas as vezes em que evoca a dominação do homem sobre a natureza; esse atestado de nossas misérias ilustra melhor o pessimismo histórico de Rousseau que o otimismo racionalista de Buffon” (STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 446).

35 STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 446.

36 *Ibidem*, p. 441.

37 BUFFON, *Das épocas da natureza*, p. 137.

38 COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Exotic Botany*, p. 182.

É preciso atentar para um detalhe importante da sétima carta à Sra. Delessert, presente na passagem supracitada. Nela Rousseau afirma haver dois lugares principais da desfiguração da natureza, a saber, a sociedade civil e os jardins. A sociedade civil é aquela fundada pela propriedade privada, pelo primeiro impostor que cercou um terreno e “arriscou-se a dizer: *isto é meu*”³⁹; é a sociedade que nasce da invenção das “horribéis palavras *teu e meu*”⁴⁰. O que será plantado nessas terras não terá mais qualquer sentido comunal, a natureza ali deverá tornar-se lucro ou exibição.

O jardim, por sua vez, é um espaço racionalmente organizado pelo homem por motivo estético, de lazer, ou para o estudo das plantas⁴¹. Em carta à Duquesa de Portland, lemos:

Os vegetais em nossos bosques e em nossas montanhas estão ainda tais como saíram originalmente de suas mãos [das mãos de Deus], e é lá que amo estudar a natureza, pois confesso-vos que não sinto o mesmo encanto ao herborizar em um jardim. Acho que neles a natureza não é mais a mesma: ela tem mais brilho, mas não é tão tocante. Os homens dizem que eles a embelezam, e eu acho que eles a desfiguram.⁴²

A crítica de Rousseau aos jardins incide sobretudo na relação deste com as plantas exóticas e com o processo de naturalização, isto é, com a “transplantação de espécies de seu clima indígena para outro”⁴³. Por seu vínculo com a economia, as plantas exóticas representavam um dos aspectos mais importantes da botânica moderna. A exploração de novas plantas, intimamente ligada à colonização⁴⁴, entrelaçava a História Natural com as expedições aos outros continentes, muitas vezes promovida pelos grandes estados europeus. Rousseau, por sua vez, demonstrou pouquíssimo interesse por elas e idealizou uma botânica que se restringisse aos arredores: “o maior prazer da botânica é antes poder estudar e conhecer a natureza ao seu redor do que a das Índias”⁴⁵. Ele certamente viajou muito em sua vida turbulenta, mas exclusivamente dentro de um perímetro europeu bastante restrito. Afirmou, em sua correspondência com a Duquesa, contentar-se de bom grado com as plantas que encontrava perto de si:

em minha grande paixão pela botânica, contente com o feno que encontrava sob meus pés, nunca tive gosto pelas plantas estrangeiras, que não se encontram entre nós senão no exílio e desnaturadas nos jardins dos curiosos.⁴⁶

39 OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 122; trad. bras., p. 206.

40 OC III, *Dernière réponse de J.-J. Rousseau, de Genève*, p. 80; trad. bras., p. 115.

41 Os textos sobre botânica apresentam uma visão dos jardins diferente daquela apresentada por Júlia, em *A Nova Heloísa*. O jardim criado por Júlia é um produto híbrido de natureza e artifício, pois ela diz que a natureza fez tudo, mas sempre sob sua direção (OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 472; trad. bras., p. 410).

42 CG XVI, p. 293.

43 COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Exotic Botany*, p. 182.

44 A transplantação de espécies, fenômeno que sem dúvida perdeu-se na noite dos tempos, encontrou um capítulo importante na história do imperialismo europeu. A cana-de-açúcar, por exemplo, originária da Índia, veio parar em nosso continente, possibilitando à Europa a desejada comercialização do açúcar.

45 CG XX, p. 110.

46 CG XX, p. 320.

A crítica aos jardins também remete ao tema do amor-próprio e do desejo de distinção que habita o homem. Para compreendermos o conceito de amor-próprio é necessário diferenciá-lo do *amor de si*. No quarto livro de *Emílio*, Rousseau afirma que o *amor de si* é a única paixão natural, de onde todas as outras derivam.⁴⁷ Trata-se da vontade de conservação presente nos seres vivos, da paixão salutar da vida por sua própria existência. O amor de si, em sua origem, é moralmente neutro. O amor-próprio deriva de uma transformação do amor de si a partir das relações sociais, apresentando-se como um amor de si inflado, que vai muito além do mero desejo de se conservar. O paradoxo do amor-próprio está bem descrito em *Emílio*:

O amor de si, que só diz respeito a nós, fica contente quando nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas; mas o amor-próprio, que se compara, nunca está contente e não poderia estar, porque esse sentimento, preferindo-nos aos outros, exige também que os outros nos prefiram a eles; o que é impossível⁴⁸

O amor-próprio corrompe o gozo ao alienar o valor real das coisas na necessidade de mostrar-se ao outro: “há uma grande diferença entre o valor que a opinião dá às coisas e aquele que elas têm realmente”⁴⁹. Quando tudo decorre da opinião, preocupa-se mais com a maneira como os outros julgam, aprovam ou desaprovam, do que com o prazer dado pelas coisas ou com sua utilidade. No luxo, na ostentação, na moda, por exemplo, o objetivo central é se distinguir dos demais: “a moda sufoca o gosto, e não mais procura o que agrada, mas o que distingue”⁵⁰. Por fim, o sentido da distinção social, em Rousseau, remete sempre ao mesmo problema: distinguir-se equivale a gozar de uma superioridade sobre os demais⁵¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que capítulo estamos de nossa tendência teratológica? Ninguém sabe, embora as evidências científicas da degradação planetária venham se acumulando. Parece certo que o ciclo cada vez mais acelerado de reprodução do capital ultrapassou definitivamente os lentos ciclos da natureza. Boa parte de nossas sementes, transformadas em *commodities*, são agora modificadas geneticamente para o aumento da produtividade. A alteração genética torna as sementes mais resistentes às pragas e às doenças, e possibilita que sejam produzidas em outros climas e em outras estações. Os avanços no campo da química trouxeram os fertilizantes e os agrotóxicos. Vale lembrar que os fertilizantes inorgânicos

47 “A fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e não o deixa nunca durante sua vida é o amor de si; paixão primitiva, inata, anterior a qualquer outra, e da qual todas as demais são, em certo sentido, apenas modificações” (OC IV, *Émile*, p. 491; trad. bras., p. 253).

48 OC IV, *Émile*, p. 493; trad. bras., p. 254-255.

49 OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 550; trad. bras., p. 476.

50 OC IV, *Émile*, p. 672; trad. bras., p. 430.

51 Se encontramos uns poucos poderosos e ricos no auge da grandeza e da fortuna, enquanto a multidão rasteja na obscuridade e na miséria, é porque os primeiros só valorizam as coisas de que gozam na medida em que os demais delas são privados e, sem mudar de condição, deixariam de ser felizes se o povo deixasse de ser miserável” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 189; trad. bras., p. 239 - minha tradução).

estão entre as invenções mais determinantes da modernidade, pois foi o que possibilitou o vertiginoso aumento populacional ocorrido no século passado. Segundo Smil, “a população mundial não poderia ter crescido de 1,6 bilhão em 1900 para os atuais seis bilhões sem o processo Haber-Bosch”⁵².

O problema da degradação ambiental, levantado pelo ambientalismo há várias décadas, está agora na ordem do dia, com o tema do aquecimento global cada vez mais no centro do debate público. Vimos surgir, em 2002, o termo *Antropoceno*, cunhado por Paul Crutzen, cientista especialista em química da atmosfera. O termo diz respeito às mudanças perpetradas no sistema terra pela atividade tecnológica humana e vem marcar o fim do Holoceno, que teria durado, então, cerca de 12 mil anos. O radical *antropo* enfatiza que os seres humanos se tornaram a principal influência na biosfera terrestre e nos processos geológicos globais.

Evidências que apontam para um processo de extinção massiva também têm se acumulado. O livro de Elizabeth Kolbert, *A sexta extinção: uma história não natural*, traz em seu subtítulo a referência ao *unnatural*. A sexta extinção é *unnatural*, pois “nenhuma criatura alterou a vida no planeta dessa forma”⁵³. As outras cinco grandes extinções foram causadas por fenômenos biogeoquímicos⁵⁴. A sexta extinção é consequência direta da capacidade humana de alterar o mundo natural; capacidade essa que é certamente intrínseca ao homem, mas que foi potencializada pela concatenação de eventos que culminou na sociedade capitalista e industrial moderna:

Essa capacidade é anterior à modernidade, embora, claro, a modernidade seja sua expressão mais completa. Na verdade, essa capacidade é provavelmente indistinguível das qualidades que fizeram de nós humanos, para começo de conversa: a inquietação, a criatividade, a capacidade de cooperar para resolver problemas e concluir tarefas complicadas. Assim que os seres humanos começaram a usar sinais e símbolos para representar o mundo natural, extrapolaram os limites desse mundo.⁵⁵

Permanece o desafio de determinar a origem e a extensão desta sexta grande extinção. Elizabeth Kolbert evoca o desaparecimento da megafauna do pleistoceno, que já teria sido causada, ao que tudo indica, pela ação humana. Assim, no rastro dos eventos de extinção, o livro tenta descobrir alguns dos

52 SMIL, V., *Detonator of the population explosion*, p. 415. Lévi-Strauss menciona a explosão populacional em uma entrevista, ressaltando o curto espaço de tempo em que ela ocorreu: “A São Paulo dos anos trinta tinha uma população de menos de um milhão de habitantes (...). Não ousaria dizer se é para melhor ou para pior. Ainda que, enfim, no final da minha vida, algo me assombra. Quando entrei na vida ativa, ao término dos meus estudos, nos arredores de 1930, viviam dois bilhões de homens sobre a terra. Agora, no fim da minha vida, existem seis bilhões. Este parece-me ser o fenômeno que dá conta de todo o resto. É este, no fundo, o único problema que temos a entrever - dele decorre todo o resto (...). E que isso tenha se produzido no prazo de uma vida humana...” (LÉVI-STRAUSS, C., *Entrevista de Claude Lévi-Strauss*, p. 139-140).

53 KOLBERT, E., *A sexta extinção*, p. 11.

54 “Até onde podemos identificar as causas dessas revoluções, da para ver que são bastante variadas: glaciação, no caso da extinção no fim do Ordoviciano; aquecimento global e mudanças na química dos oceanos no fim do Permiano; o impacto de um asteroide nos derradeiros segundos do Cretáceo. A extinção em curso tem sua própria causa original - não é um asteroide ou uma erupção vulcânica maciça, mas ‘uma espécie daninha’. Como me disse Walter Alvarez, ‘estamos observando, neste mesmo instante, que uma extinção em massa pode ser causada pelos seres humanos’” (Ibidem, p. 276).

55 Idem.

efeitos da atuação de uma espécie que não é particularmente ágil ou forte, mas que é dotada de “uma engenhosidade singular”⁵⁶ e de uma estranha vocação planetária. Em suas linhas, entrevemos justamente o que os filósofos e naturalistas do século XVIII especularam a respeito do homem: que esse primata inquieto e criativo tem a infelicidade de agregar um grande potencial de alteração do mundo natural com a incapacidade congênita de imaginar o que faz.

REFERÊNCIAS

- BACON, F. Nova Atlântida. In: _____. **Novum Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida.** Tradução de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril, Cultural, 1979.
- BARTHES, R. As pranchas da Enciclopédia. In: **O grau zero da escrita: seguido de nove ensaios críticos.** Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- BUFFON. **História Natural.** Tradução de Isabel Coelho Fragelli, Pedro Paulo Pimenta e Ana Carolina Soliva Soria. São Paulo: Unesp, 2020.
- BUFFON. Das épocas da natureza. In: _____. **História Natural.** Tradução de Isabel Coelho Fragelli, Pedro Paulo Pimenta e Ana Carolina Soliva Soria. São Paulo: Unesp, 2020.
- COOK, A. Jean-Jacques Rousseau, “Terminator” and *Telos* in Nature. In: (Org.) GRANT, R.; STEWART, P. **Rousseau and the Ancients / Rousseau et les Anciens.** Montreal: North American Association for the Study of Jean-Jacques Rousseau, 2001.
- COOK, A. Jean-Jacques Rousseau and Exotic Botany. In: (Org.) MACCUBBIN, R.; KNELLWOLF, C. **Exoticism and the culture of exploration.** Durham: Duke University Press, 2002.
- FISCHER, J.-L. L’Encyclopédie présente-t-elle une pré-science des monstres?. In: **Recherches sur Diderot et sur l’Encyclopédie**, 1994, nº 16, p. 133-152.
- FOUCAULT, M. **Os anormais.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- KOLBERT, E. **A sexta extinção: uma história não natural.** Tradução de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- LIDLAW, G. Diderot’s Teratology. In: **Diderot Studies**, 1963, v. 4, p. 105-129.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Totemismo hoje.** Tradução de Malcolm Bruce Corrie. Petrópolis: Vozes, 1975.
- LÉVI-STRAUSS, C. Entrevista de Claude Lévi-Strauss. In: **Revista Tempo Brasileiro**, out-dez/2008, nº 175, p. 135-140.

56 Ibidem, p. 9.

- MALL, L. Des monstres et d'un prodige: les commencements de *l'Émile*. In: **Revue de Métaphysique et de Morale**, jul-set/2000, nº 3, p. 363-380.
- MATOS, L. Uma arte da medida. In: SALINAS FORTES, L. **Paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau**. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.
- REIS, C. Rousseau entre monstros e quimeras. In: (Org.) PINHEIRO, U. **Filosofias da alteridade no século das Luzes: Diderot, Fontenelle, Kant, Rousseau**. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.
- ROMANO, R. **Moral e ciência: a monstruosidade no século XVIII**. São Paulo: Editora SENAC, 2003.
- ROUSSEAU, J.-J. **Œuvres complètes de Jean-Jacques Rousseau**. (Org.) GAGNEBIN, B.; RAYMOND, M. Paris: Gallimard, 1959-1995, 5 tomos (Collection Bibliothèque de La Pléiade).
- ROUSSEAU, J.-J. **Correspondance Générale de J.-J. Rousseau**. (Org.) DUFOUR, T.; PLAN, P.-P. Paris: Armand Colin, 1924-1934, 20 volumes.
- ROUSSEAU, J.-J. **Júlia ou A Nova Heloísa**. Tradução de Fulvia Moretto. Campinas: Editora Hucitec e Editora da Unicamp, 1994.
- ROUSSEAU, J.-J. Do contrato social, ou, Princípios do direito político. In: _____. **Rousseau - Escritos sobre a política e as artes**. Tradução de Ciro Lourenço Borges Jr. e Thiago Vargas. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- ROUSSEAU, J.-J. Discurso sobre as ciências e as artes. In: _____. **Rousseau - Escritos sobre a política e as artes**. Tradução de Maria das Graças de Souza. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- ROUSSEAU, J.-J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: _____. **Rousseau - Escritos sobre a política e as artes**. Tradução de Iracema Gomes Soares e Maria Cristina Nagle. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou Da educação**. Tradução de Thomaz Kawauche. São Paulo: Unesp, 2022.
- SMIL, V. Detonator of the population explosion. In: **Nature**. v. 400, p. 415, 29/07/1999.
- STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de Sete ensaios sobre Rousseau**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TORT, P. **L'ordre et les monstres: le débat sur l'origine des déviations anatomiques au XVIIIème siècle**. Paris: Éditions Syllepse, 1998.

